

SILVA ROCHA EXPOENTE DA ARTE NOVA EM PORTUGAL

JUSTIÇA

A VEIRO FAMÍLIA ILU DESPEJADA DE

DECISÃO ➔ Venda em hasta pública por risco de ruína. Argumento contestado em tribunal **RESTOS MORTAIS** ➔ Localização de sep

JOÃO SARAMAGO/OCTÁVIO LOPES

A família do arquiteto Francisco Augusto da Silva Rocha enfrenta em Tribunal a União das Freguesias de Glória e Vera-Cruz em delegação de competências da Câmara de Aveiro, por esta ter “violado e vendido em hasta pública” o jazigo de família onde estava depositado a título perpétuo um dos expoentes da arquitetura Arte Nova portuguesa e europeia. “Além do meu bisavô, no jazigo estavam as urnas de seis dos principais elementos da minha família materna registados no livro do cemitério central, entre outros. Já avançámos com um processo junto do Tribunal Administrativo e Fiscal de Avei-

SILVA ROCHA ESTAVA COLOCADO A TÍTULO PERPÉTUO NO JAZIGO

ARQUITETO E SEIS FAMILIARES RETIRADOS SEM FAMÍLIA O SABER

ro e com uma denúncia ao Ministério Público. Esta última foi arquivada e decidimos abrir a Instrução, que está a decorrer”, disse, ao **CM**, Maria João Fernandes, crítica de arte e bisneta de Silva Rocha que, entre outros projetos, foi o responsável pela Casa Mário Pessoa, atual Museu de Arte Nova de Aveiro e ex-líbris da arquitetura Arte Nova.

Segundo Maria João Fernandes, o sítio exato onde foram sepultados os restos mortais dos seus familiares está por determinar. “Sabemos, no entanto, que na mesma data foram todos lançados na terra numa única sepultura com características de vala comum e em circunstâncias por apurar. Alguns dos restos mortais teriam sido sepultados mantendo apenas os invólucros de metal das urnas e outros em sacos. É isto o que consta nos processos.”

A bisneta de Silva Rocha adian-



1 Jazigo da família de João Pedro Soares, onde esteve o féretro de Silva Rocha. A família alega que não ameaça ruína
2 Bisneta do arquiteto, Maria João Fernandes, junto da suposta campa onde poderão estar os restos mortais dos familiares

PERFIL

Francisco Augusto da Silva Rocha (1864-1957) nasceu na Mealhada e faleceu em Aveiro. Foi professor de Desenho e diretor da Escola de Desenho Industrial e arquiteto responsável por vários edifícios de Aveiro. Em 1896 casou com Olinda Augusta Soares, filha de João Pedro Soares, o maior benemérito de Aveiro no seu tempo, que adquiriu o Edifício dos Arcos.



ta, também, que o caso remonta ao início de 2014, quando a União das Freguesias de Glória e Vera-Cruz decidiu pela venda em hasta pública do jazigo, o que não se verificava e está a ser impugnado em tribunal, alegando que se encontrava em risco de ruir. “Não fizeram qualquer tentativa para localizar os familiares, nem o jazigo estava ou está em risco de ruir. Foi vendido com os restos mortais no seu interior. É inacreditável que o tenham feito. Estamos a falar do Cemitério Central de Aveiro, de grande impor-

FAMÍLIA ALEGA QUE JAZIGO FOI VIOLADO E RECLAMA A REPOSIÇÃO DOS FÉRETROS

BISNETA SEM RESPOSTAS EM INTERVENÇÕES NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

tância histórica e arquitetónica, e de Silva Rocha autor do Centro Histórico da cidade por sua causa considerada Capital da Arte Nova em Portugal e candidata a Capital Europeia da Cultura. E mais - na fachada da capela/jazi-

go estava inscrito e em local bem visível que pertencia a João Pedro Soares, sogro de Silva Rocha. João Pedro Soares foi considerado o maior benemérito de Aveiro do seu tempo, no final do século XIX. Foi, por exemplo, o patrocinador do hospital e da escola industrial.” A retirada do jazigo dos restos mortais de toda a família de Silva Rocha realizou-se em março de 2015 sem que tivesse sido feita qualquer diligência para localizar os familiares.

“Foram posteriormente feitas várias tentativas de diálogo pela família e nenhuma resposta foi